

RELAÇÃO MÃE-FILHO(A) EM BEBÉS TRANSPORTADOS JUNTO AO PEITO E EM BEBÉS TRANSPORTADOS EM CARRINHOS

Carina Santa Bárbara

carinasb84@gmail.com

Escola Superior de Educação de Lisboa

Olívia De Carvalho

olivia@upt.pt

Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto

e Instituto de Estudos Superiores de Fafe (IESF). Fafe,

Marina Fuertes

marinaf@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação de Lisboa

e Centro de Psicologia da Universidade do Porto

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.117>

Resumo

Dado que o contacto físico está associado à qualidade da vinculação e da relação mãe-filho(a), procurámos estudar a qualidade dessa interação em 26 bebés transportados junto ao peito das suas mães. Os bebés tinham entre 6 e 36 meses (13 meninas, 13 meninos) e não apresentavam problemas de desenvolvimento. A qualidade da interação mãe-filho(a) foi avaliada em jogo livre através da escala CARE-Index, os resultados da aplicação desta escala permitiram selecionar as díades com elevada qualidade (pontuação superior a 9) e díades de baixa qualidade (com menos de 6 pontos). Posteriormente, o comportamento diádico foi descrito em termos das respostas faciais, vocais, afetivas, diretivas, lúdicas e recíprocas das mães e dos bebés em díades

de elevada/boa qualidade diádica versus de baixa qualidade. Nas díades de elevada qualidade, a interação é caracterizada pela participação, reciprocidade, afetividade positiva, partilha de prazer e envolvimento. Contudo, nas díades de baixa qualidade interativa verifica-se, sobretudo, a falta de envolvimento e participação, evidente no jogo isolado ou paralelo. Comparativamente a outros estudos nacionais, nesta amostra observam-se menos comportamentos abusivos, intrusivos ou negligentes. Tal seria de esperar, dado que se trata de um grupo de classe média com elevada literacia materna. Contudo, 6 em 26 díades tinham baixa qualidade interativa, o que indica que o mero transporte junto ao corpo por si só não é garante de uma relação afetiva positiva e recíproca.

Palavras-chave: Transporte do bebé; contacto; proximidade física; qualidade interativa mãe-filho(a).

Estado de Arte

Em sociedades industrializadas e desenvolvidas, o transporte corporal dos bebés, como alternativa ao carrinho, está a ser reintroduzido tendo surgido no mercado novas ofertas como panos, *slings* e marsúpios. Nos EUA, embora 99% dos pais possuam carrinho, 17% usa, adicionalmente, marsupiais ou outros meios de transporte corporal (Blois, 2005). Porém, pouco se sabe sobre as vantagens deste tipo de transporte para a saúde e desenvolvimento do bebé, para a saúde dos pais e, para a relação entre pais e os bebés. É previsível que o transporte junto ao corpo tenha tido origem nas populações nómadas, facilitando as deslocações das mães, embora este uso de meios auxiliares de transporte tenha sido quase completamente extinto nas sociedades modernizadas. *Assim, questionamo-nos como será reintroduzir na sociedade portuguesa o transporte junto ao corpo? E quais os contributos para a interação mãe-filho(a)?* Na verdade, a sociedade portuguesa (especialmente a sociedade urbana) recorre a meios auxiliares de transporte nos últimos 50 anos, distanciando-se culturalmente do transporte junto ao corpo. Contudo, algumas famílias optam pela sua reintrodução mesmo não se tratando de um hábito familiar ou cultural. Procuramos, nesta pesquisa, analisar os comportamentos interativos das mães-bebés em díades portuguesas com transporte corporal (junto ao peito ou às costas), comparando os casos de elevada e baixa qualidade interativa. Esta linha de investigação de natureza descritiva e idiossincrática ganha expressão na área da relação mãe-bebé, ao oferecer um mapa

dos comportamentos maternos e infantis, particularmente, ao identificar pontos-chave do comportamento interativo sensível e desadequado. Deste modo, queremos identificar quais os aspetos específicos da relação mãe-bebé que caracterizam as díades com transporte corporal, nomeadamente, em termos de resposta facial, vocal e afetiva, sincronia, contingência e estabelecimento lúdico.

A vinculação no quadro da perspectiva de desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner

No quadro da perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner e Morris (1998), o desenvolvimento ocorre em contexto, decorrente da interação entre organismo e ambiente, ao longo do tempo. Neste modelo, quatro aspetos multidirecionais e inter-relacionados contribuem para o desenvolvimento individual: "*pessoa, processo, contexto e tempo*". Porventura, as relações de vinculação estão na origem deste processo, quando o bebé desde do nascimento desenvolve uma relação significativa e duradoura com figuras específicas (Bowlby, 1969). A parentalidade é complexa, porque envolve relações, comunicação, competências sociais, competências práticas e a existência de elevados níveis de compreensão (Smith, 1997). Esta relação decorre e contribui para o processo de desenvolvimento da criança (o desenvolvimento da criança a contribuir para a forma como interage mas também decorrente dessas interações). Esta complexidade resulta, em parte, pela ação de processos *distais* e *proximais* (Bronfenbrenner, 1986).

Nos processos distais, encontra-se a motivação filogenética forjada pela evolução (a obtenção de cuidados e proteção até à idade reprodutiva). Atendendo ao longo período de dependência do bebé humano (comparado com outras espécies, incluindo primatas), a sua sobrevivência encontra-se dependente dos cuidados parentais e, consequentemente, os cuidados parentais contribuem para o sucesso reprodutivo dos pais. Olhar a parentalidade através das lentes evolucionistas pode ser útil para compreender as motivações últimas dos comportamentos humanos (Simpson, 1999). Contudo, a vinculação é uma relação emocional profunda e estruturante que não se esgota meramente na satisfação das necessidades de sobrevivência da criança. Em termos de influência proximal, o tipo e natureza dos cuidados parentais podem contribuir para a organização dos padrões de vinculação (Belsky, Steinberg, & Draper, 1991). Por exemplo, mães que respondem contingentemente e que são responsivas aos sinais dos bebés relativamente às suas necessidades, originam crianças com uma vinculação segura

(Isabella & Belsky, 1991).

A investigação tem revelado uma forte associação entre os padrões de vinculação e os estilos parentais, dando peso aos processos proximais. Bjorklund, Yunger & Pellegrini (2002) contrapõem que a perspectiva evolucionista permite, para além de descrever os aspetos universais da vinculação, dar ênfase à expressão da epigénese na interação com o ambiente, ao longo do desenvolvimento. Esta abordagem oferece novas perspectivas acerca da relação entre as variações da parentalidade e as diferentes respostas adaptativas, que originam diferentes fenótipos.

Numa visão ecológica, estas influências (proximais e distais) afetam processos, características e interações que influenciam a parentalidade (Bronfenbrenner, 1986). Entre elas, as variáveis ambientais que influenciam a educação da criança de forma direta, por interação e participação imediata, mas também de forma indireta, através da influência que exercem sobre a parentalidade (Bradley, 1995).

A cultura contribui para formar e definir a identidade e o comportamento parental, assim como a forma como os pais organizam o ambiente para os seus filhos ou filhas. Mas a parentalidade reflete, também, o que a vizinhança e a comunidade proporcionam. Como demonstra o modelo de parentalidade de Belsky (1984), a parentalidade é uma função complexa com a influência de muitos fatores, incluindo a história dos próprios pais e a personalidade e características da criança em desenvolvimento. Os pais e filhos(as) são construtores ativos dos seus ambientes, assim como responsáveis pelo que o ambiente proporciona (Carvalho, 2011). O processo da parentalidade envolve numerosas interações entre a criança e o ambiente, desde a história pessoal dos pais, às histórias das suas próprias famílias e à própria história de vida da criança. O comportamento parental é moldado por várias influências, incluindo as características e recursos individuais dos pais; os recursos e as características das crianças e os recursos contextuais, especialmente condições materiais de vida e a qualidade nas relações com os parceiros, parentes e amigos (Belsky, 1984). O ambiente social influencia o exercício da parentalidade, incluindo o contexto cultural/social (Belsky & Stratton, 2002).

Vinculação e Proximidade física

Segundo Bowlby (1969) o estabelecimento de relações de vinculação é, em si, um fenómeno normativo e universal na espécie humana, embora a vinculação tenha de ser entendida de forma sistémica, resultado de múltiplos fatores e interações (Cassidy, 2008).

A qualidade da vinculação decorre do conceito de *base segura*. A maioria das crianças, recorre à sua figura de vinculação como uma *base segura*, ou seja, quando a criança percebe o “perigo” (e.g., presença de estranhos, dor, medo, ausência materna) procura a proteção materna (aproximando e tentando obter o contacto). Deste modo, a forma como a figura materna responde à procura de proximidade física e contacto por parte da criança é determinante da qualidade da relação (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Com efeito, a forma como as crianças regulam a proximidade e o toque com a figura de vinculação é distinta nos vários tipos de vinculação. Ainsworth e colaboradores (1978) conceptualizaram a qualidade dos vínculos em três grandes padrões: o B (*seguro*), o A (*inseguro-evitante*) e o C (*inseguro-resistente/ambivalente*). Na vinculação *inseguro-evitante* a criança explora o meio de forma independente, não mostrando desconforto com a ausência da mãe e evitando ativamente o contacto e a proximidade da mãe após o reencontro. A vinculação evitante tem sido associado a problemas de internalização, saúde mental e isolamento (Thompson, 2008).

O tipo de vinculação segura é marcado por uma figura de vinculação que atua como uma base segura, para a qual a criança pode regressar após a exploração do meio. O regresso é vivido com interesse e, na maioria dos casos, com procura de contacto. A investigação tem identificado a vinculação segura como uma fonte de proteção e fonte de resiliência para o desenvolvimento socioemocional e para a aprendizagem (Thompson, 2008).

As crianças que demonstram uma vinculação inseguro-resistente/ambivalente têm dificuldades em explorar o meio, mesmo antes da separação, procurando monitorizar a localização da figura de vinculação. Depois da reunião exibem comportamentos ambivalentes, vacilando entre a procura de proximidade e os comportamentos de resistência ou apresentando resistência através da passividade. Este estilo de vinculação tem sido associado a problemas de externalização, relação com os pares, e qualidade da saúde da criança (Thompson, 2008).

Em suma, a qualidade da vinculação dependerá e resultará a procura do contacto físico e a persistência desse contacto. Alguns investigadores consideraram o contacto materno como uma variável que pode estar na origem da vinculação e que, simultaneamente, pode evoluir como expressão da sua organização (e.g., Anisfeld, Casper Nozyce, & Cunningham, 1990). O contacto, o afeto e a proximidade materna podem ser o contexto relacional no qual a criança se sente segura e recebida dando início ao estabelecimento da vinculação

Relação mãe-filho(a) e Toque físico

Para compreender de que forma o toque/contacto materno podia afetar a relação com a criança, constituiu-se uma linha de investigação dedicada ao tema. Por exemplo, Ferber, Feldman e Makhoul (2008) analisaram a quantidade de toque de estimulação, afetivo e instrumental materno durante atividades de rotina diária (e.g., mudanças de fraldas, alimentação), ao longo do primeiro ano de vida da criança. Os resultados indicaram que a quantidade do toque não era um fator determinante na relação na mãe-filho(a). Porém, a qualidade das experiências proporcionadas nas atividades com toque era determinante dessa qualidade, nomeadamente pela reciprocidade desencadeada e pelo envolvimento emocional proporcionado. Ora, aqui alguma investigação começa a indicar que a quantidade de toque (contacto físico) não é por si um indicador, exceto nas díades com mães com o diagnóstico de depressão ou outras alterações somáticas (e.g., Herrera, Reissland, & Shepherd, 2004).

A relação entre a proximidade física e a qualidade da vinculação foi, igualmente, estudada em díades em que os bebés eram transportados junto ao corpo (*slings*) e em díades que transportaram os bebés por meios auxiliares (e.g., carrinhos, berços). Os resultados foram muito evidentes, 83% das crianças transportadas junto ao corpo apresentaram uma relação segura, face a 39% do grupo de controlo. Aos três meses de vida do bebé, nas díades com transporte corporal, as mães apresentaram comportamentos mais contingentes e recíprocos (Anisfeld, et al., 1990). Num estudo com pais que usavam os dois tipos de transporte, verificou-se que os pais e os bebés vocalizam mais e com mais sincronia quando os bebés são transportados em marsupiais em oposição aos carrinhos (Mireault, Rainville, & Laughlin, 2018).

Em suma, os estudos não oferecem um corpo conclusivo de evidências se, por um lado, não bastará estar em contacto, por outro lado, o contacto parece beneficiar a relação. Uma prova indireta resulta dos estudos acerca eficácia das intervenções na promoção de relações seguras, que identificam que as intervenções centradas na proximidade física e no transporte corporal são eficazes em reduzir o distanciamento materno (e.g., Hunziker & Barr, 1986). Destas intervenções, o método Canguru com bebés prematuros tornou-se particularmente popular pelos ganhos identificados para a saúde, bem-estar do bebé e dos pais (Fuertes, et al., 2012; Tessier, et al., 1998).

Até ao momento presente, os estudos enunciados parecem indicar que o transporte corporal é preferencial ao transporte por meios auxiliares. Contudo, os estudos escasseiam e os resultados parecerem depender das singularidades do transporte corporal ou das especifici-

dades das amostras. Por exemplo, no estudo realizado por Ferber e colegas (2008), as amostras são oriundas de famílias com baixa condição socioeconômica e sujeitas a diversos fatores de risco, em que a escolha pelo transporte corporal não é uma opção, mas sim uma necessidade. *Será que os resultados se mantêm com famílias de classe média, com maior literacia e noutras culturas? E será que para compreender o papel da variável contacto temos que compreender o contexto relacional em que ocorre (se as relações são sensíveis, positivas, afetivas, recíprocas e contingentes)?*

Ora, um estudo realizado numa amostra nacional, verificou que a qualidade da sensibilidade materna e da cooperação infantil era superior em díades com bebés transportados por meios auxiliares (carrinhos) (Santa Bárbara, Fuertes & Carvalho, 2019). As autoras explicam os resultados pelas motivações das mães para o uso do transporte corporal (motivado por convicções, conveniência e preocupações parentais), parece sugerir que se trata de uma prática associada ao desejo de corresponder a um modelo atual de comportamentos maternos, socialmente valorizados e a uma representação “idealizada” de infância e de parentalidade (Fuertes et al., 2019; Fuertes, Faria, Fink, & Barbosa, 2011) e, não, tanto um desejo materno de estimular a proximidade e o afeto positivo com o bebé. Deste modo, a investigação deverá descrever detalhadamente os comportamentos interativos das mães que transportam os bebés junto ao corpo e não, apenas, comparar a valoração dos comportamentos das mães que optam por este meio de transporte e das mães que optam pelo transporte por carrinhos. Porventura, a análise quantitativa podia ser enriquecida por uma análise descritiva que nos permitisse compreender a natureza e idiossincrasia destas interações. Do mesmo modo, as respostas dos bebés transportados junto ao corpo e a qualidade diádica podem contribuir com pistas para a tentativa de traçar um mapa do comportamento materno e infantil neste grupo de mães, como prevê o modelo de investigação bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1988).

Qualidade da interação mãe-filho(a)

Se existem diversos fatores a contribuir para a vinculação, alguns apresentam maior peso a explicar as diferenças na relação mãe-filho(a). Em todas as culturas estudadas, a sensibilidade materna ou paterna foi identificada como o maior fator explicativo da vinculação meta-analiticamente (De Wolf & van IJzendoorn, 1997, Lucassen et al., 2011). É neste sentido que o nosso estudo se debruça sobre a relação

com bebés (considerando a sensibilidade materna e cooperação infantil) transportados junto ao corpo das suas mães, seguindo o exemplo de práticas próprias da cultura africana e tanto quanto sabemos nunca antes estudado em Portugal.

Ainsworth e sua equipa (1978), iniciaram uma prolífera linha de investigação lançando-se a discussão sobre quais os fatores que contribuíam para a sensibilidade materna. Os resultados indicaram que sensibilidade materna é uma variável preditora do desenvolvimento, afetando a regulação fisiológica e emocional (e.g., Calkins & Hill, 2007; Moore et al., 2009), a agressão entre pares (Crockenberg, Leerkes, & Barrig Jo, 2008; Leerkes, Blankson, & O'Brien, 2009) e o desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Bernier, Carlson, & Whipple, 2010; Leerkes et al., 2009; Tamis-LeMonda, Bornstein, Baumwell, & Damast, 1996). Estes resultados observam-se tanto em mães como em pais (e.g., Fernandes et al., 2017; Fuertes, Sousa, Nunes, & Lino, 2018).

Mais recentemente, diversos autores (e.g., Belsky, 1999; Crittenden, 1999) defendem que a sensibilidade materna deve ser concebida como um constructo diádico, reconhecendo a importância do comportamento de ambos os elementos da díade. Crittenden (1988) define a sensibilidade materna como qualquer padrão de resposta que contribui para o bem-estar do bebé, conforto ou para o seu envolvimento na relação. Além das dimensões propostas por Ainsworth e colegas (responder às necessidades da criança), nesta perspetiva da sensibilidade materna, Crittenden (2003) inclui a sincronia, reciprocidade, estabelecimento da relação e atividade lúdica como componentes da sensibilidade materna. A corroborar esta proposta, o estudo meta-analítico de De Wolff e van IJzendoorn (1997) apresenta a mutualidade e a reciprocidade como dimensões importantes da qualidade da interação mãe-filho(a). Neste sentido, Beeghly, Fuertes, Liu, Delonis, e Tronick, (2011) recorrem ao modelo de regulação mútua que prevê que os bebés e as suas mães formam um sistema diádico em que ambos *corregulam* as suas interações «dando e recebendo» afetos e aspetos comportamentais. O sucesso ou o fracasso da sua regulação mútua durante as interações sociais depende de quão clara e eficazmente cada parceiro é capaz de identificar o seu próprio significado e intenção, bem como de apreender e compreender o significado e intenção do seu interlocutor (Tronick, Barbosa, Fuertes, & Beeghly, 2019). A clareza de emissão e receção é a primeira etapa de um processo que requer que os dois parceiros sejam capazes a aceitar o contributo do outro e a devolver uma resposta positiva. Neste modelo, a chave das relações está na harmonização do contributo dos parceiros, evidente na sincronia e contingência dos comportamentos (Beeghly, et al., 2011). Deste modo, o conceito de *regulação emocional* é entendido como um constructo diádico em que bebé e adulto respondem aos comportamentos e emoções um do outro,

de forma a regular as interações momento-a-momento, mutuamente (Tronick, 2007; Beeghly, et al., 2011).

Na esteira da sensibilidade materna como um constructo diádico que inclui a resposta materna e infantil, bem como, a relação estabelecida (contingência, sincronia, e jogo) recorreremos ao Care-Index (Crittenden, 2003) para estudar a relação com bebés transportados junto ao corpo da mãe.

Presente Estudo. Sabendo que a forma como os bebés são transportados pelas suas mães pode afetar a regularidade, continuidade e sincronia das interações, temos como objetivo geral estudar a qualidade dos comportamentos interativos maternos e infantis, em díades em que as mães transportam as filhas ou filhos junto ao corpo e comparar as interações de muito boa/elevada qualidade (pontuadas com mais de 9 no Care-index) e as interações de baixa qualidade a interações de risco (pontuadas com 6 ou menos pontos). Como objetivos específicos, pretendemos: (i) estudar a qualidade diádica em díades cujos bebés são transportados junto ao corpo (numa escala de 1 a 14 pontos – 1 corresponde a interações de elevado risco para a criança e 14 interações positivas e recíprocas); (ii) destas interações, pretendemos selecionar e descrever os comportamentos interativos das díades com interações de muito boa/elevada qualidade (pontuadas com mais de 9 no Care-index) e as interações de baixa qualidade ou potencialmente em risco (pontuadas com 6 ou menos pontos), quanto: à qualidade da resposta facial, resposta vocal, afetividade, contingência, atividade lúdica e reciprocidade tanto nas mães como nos bebés.

Métodos

Participantes

Para concretizar os objetivos de estudo foi analisado o comportamento interativo de 26 díades mãe-filho(a) em jogo livre, dos quais 13 bebés eram do sexo masculino e 13 bebés eram do sexo feminino. A idade dos bebés compreendia-se entre os 6 e 36 meses, embora a generalidade apresenta-se entre 15 a 24 meses. Participaram 26 mães que transportavam os seus bebés preferencialmente junto ao seu corpo e na zona do peito (método *babywearing*). Todas as famílias eram de nacionalidade portuguesa, e identificavam-se como pertencentes à classe média a média-alta. Os dados foram recolhidos entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019. Das 26 mães em estudo, 24 encontravam-se a trabalhar (a tempo parcial ou inteiro).

Os dados demográficos que descrevem os bebês e as suas mães encontram-se na tabela 1.

	Transporte corporal			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Idade da criança (meses)	17.57	7.32	6	36
Idade do adulto (anos)	34.58	3.72	29	43
Apgar ao 1º minuto	8.89	1.27	4	10
Apgar ao 5º minuto	9.77	.87	6	10
Idade gestacional do bebê	39.31	.93	37	41
Peso do bebê à nascença em gramas	3175.92	402.84	2480	3920
Escolaridade da Mãe	16.12	1.71	12	18
Número de irmãos	.53	.78	0	2

Tabela 1. - Médias e Desvio Padrão dos dados do bebê e da família

As mães praticantes de transporte corporal indicaram que não o fizeram por necessidade financeira ou por questões de saúde, mas foi uma escolha essencialmente por motivações associadas a convicções, conveniência e preocupações parentais. Numa sociedade, em que a norma é transportar os bebês em carrinhos, especialmente fora de casa, as famílias fazem-no sobretudo por motivos de segurança, proteção e funcionalidade.

Instrumentos e Procedimentos

Aos participantes foram apresentados os objetivos e procedimentos do estudo e entregue um documento explicativo. Todas as mães participantes neste estudo, deram o seu consentimento informado para a sua participação. Neste documento garantiu-se a confidencialidade e a desistência sem qualquer prejuízo para as famílias em qualquer momento do estudo.

O levantamento de dados demográficos, clínicos e de desenvolvimento foi realizado através de fichas de anamnese dirigida aos pais. Depois desta recolha de dados pediu-se às mães que brincassem com os bebês espontaneamente, tal como faziam habitualmente. Com efeito, as díades foram filmadas em situação de jogo livre durante 5 minutos seguindo o protocolo proposto por Crittenden (2003). As filmagens

decorreram em espaços do quotidiano das famílias.

Os registos videográficos foram observados pelas autoras do estudo que, para avaliar a qualidade de interação mãe-filho(a), usaram a escala internacional Care-Index. Para o efeito, usaremos as pontuações globais da Sensibilidade Materna e da Cooperação Infantil para conhecer a qualidade geral da relação mãe-filho(a), tendo deste modo uma medida comparativa com estudos nacionais e internacionais.

Child-Adult Relationship Experimental (CARE-Index)

A escala Care-Index, desenvolvida por Patricia Crittenden (2003), avalia a sensibilidade, controlo e passividade materna bem como a cooperação, compulsão/submissão, dificuldade e passividade infantil. Cada uma destas escalas é pontuada tendo em conta o comportamento dos dois parceiros em termos de interação facial, vocal, posicionamento/toque, afetividade, contingência, reciprocidade e qualidade de jogo. Crittenden (1999) numa perspetiva diádica da sensibilidade materna, considera o comportamento em relação ao comportamento infantil e vice-versa. Por exemplo, a expressão facial da mãe pode pontuar como sensível, como controladora ou passiva. As escalas quantificam o padrão de resposta do adulto, repartindo entre elas, um total de 14 pontos. A escala inclui uma pontuação final da sensibilidade materna e cooperação infantil que indica a qualidade da relação observada durante a interação, medidas estas que serão usadas no nosso estudo.

A pontuação 14-12 corresponde a interações de excelente qualidade (momentos de genuína alegria, prazer na companhia no outro, sincronia). A pontuação 11-10 corresponde a interações adequadas mas com momentos de dissonância. A pontuação 9-7 corresponde a interações com problemas mas sem risco para a criança (momentos de controlo ou passividade materna mas com atenção ou atitude serena acompanhada de momentos de dificuldade, passividade ou compulsão infantil). A pontuação 6-5 corresponde a comportamentos infantis difíceis na sua relação com adultos passivos ou ambivalentes no seu comportamento combinando passividade e contingência (e.g. pouca expressão afetiva, diretivos no jogo com a criança e vice-versa). A pontuação igual ou inferior a 4 pontos, corresponde a interações de risco, punitivas ou sem participação dos pares.

Observa-se detalhadamente a sincronia e a reciprocidade diádica, o grau de participação e envolvimento dos dois parceiros, o ambiente de interação, a qualidade das respostas afetivas, vocais e faciais (e.g. contacto ocular, comunicação, proximidade), e a capacidade do adulto oferecer um jogo adequado para idade e desenvolvimento da criança. De acordo com as instruções do manual de avaliação da escala CARE-In-

dez, cada díade foi filmada durante cinco minutos. Antes da filmagem, foi pedido às mães para interagirem com as crianças espontaneamente e de forma natural, utilizando os brinquedos que desejassem e como normalmente faziam.

Acordo de cotadores

Cada cotador fez uma cotação independente, e o nível de acordo calculado a partir do coeficiente alfa de Cronbach foi superior a 80% para as duas escalas, as diferenças de pontuação foram resolvidas em conferência de cotadores.

Tratamento dos dados

Para selecionar as díades com elevada e baixa qualidade interativa, inicialmente, foi aplicada a escala Care-Index (Crittenden, 2003) aos 26 casos recolhidos. Assim, antes da análise descrita da qualidade interativa dos comportamentos maternos e infantis, os dados foram analisados com recurso a estatística inferencial usando a versão 26 do programa SPSS. Para optar por testes paramétricos ou não paramétricos, foi testada a normalidade da distribuição das variáveis. A estatística descritiva foi usada para calcular as médias e os respetivos desvios padrão dos dados demográficos. Posteriormente, identificadas as díades com interações de muito boa/elevada qualidade (pontuadas com mais de 9 no Care-index) e as interações de baixa qualidade a interações de risco (pontuadas com 6 ou menos pontos), os comportamentos maternos e infantis foram transcritos (em registos microanalíticos) e sintetizados nas seguintes categoria: qualidade da resposta facial, resposta vocal, afetividade, contingência, atividade lúdica e reciprocidade. Estas categorias estão na base da classificação da escala Care-Index e já foram previamente usadas no estabelecimento do comportamento materno e infantil mais frequente em díades portuguesas (Fuertes, Faria, Soares & Oliveira-Costa, 2010).

Resultados

Estudo da qualidade interativa em díades com transporte corporal

O primeiro objetivo deste estudo era estudar a qualidade interativa em díades com transporte corporal. Para o efeito, apresentamos as médias das pontuações da escala Care-Index (ver tabela 2). Os resulta-

dos indicaram que a sensibilidade materna e a cooperação infantil são, em média, os comportamentos mais frequentes. As mães apresentaram mais comportamento sensíveis do que controladores ou passivos. Os bebês apresentaram mais comportamentos cooperativos do que compulsivos, difíceis, ou passivos.

	Transporte corporal			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Sensibilidade Materna	8.76	2.52	5	13
Controlo Materno	2.84	2.54	0	8
Passividade Materna	2.40	2.40	0	8
Cooperação Infantil	8.30	2.51	4	13
Compulsão Infantil	1.48	2.66	0	8
Comportamento Difícil	2.00	2.86	0	10
Passividade Infantil	2.00	2.34	0	8

Tabela 2. - Médias, desvio padrão, mínimos e máximo nas escalas do Care-Index em bebês transportados junto ao corpo

Quando analisamos a frequência dos valores da qualidade diádica (calculada pela média do comportamento materno e a média do comportamento sensível em cada díade) verificamos que qualidade moderada é o estilo interativo mais prevalente nas crianças transportadas junto ao corpo – obtendo uma média de 7 a 9 pontos (consultar tabela 3). Com efeito, este estilo interativo corresponde a 40% da totalidade da amostra. Contudo, não se encontram, nesta amostra, interações de risco e o número de díades que apresenta uma interação de baixa qualidade é 6 em 26 (24%). Comparativamente, as interações de boa a elevada qualidade são 9 em 26 (36%).

Qualidade diádica	Pontuação	Frequência	Porcentagem
Elevada Qualidade	13-12	6	24%
Boa qualidade mas com momentos de dissonância	10-11	3	12%
Problemas de interação não acentuados ou persistentes	9-7	11	40%
Interações de baixa qualidade (com um comportamento materno marcado pela intrusividade/excessivo controlo ou pela passividade)	6-5	6	24%

Tabela 3. - Pontuação, frequência e percentagem das díades organizada em categorias de qualidade diádica.

Descrição das respostas faciais, vocais, afetivas, diretivas, lúdicas e recíprocas das mães e dos bebês em díades de elevada/boa qualidade diádica versus de baixa qualidade

Num segundo objetivo quisemos descrever as respostas: vocais, afetivas, diretivas, lúdicas e recíprocas em díades com transporte corporal comparando os comportamentos das díades com elevada/boa qualidade (tabela 4) e nas díades de baixa qualidade (tabela 5), tanto nas mães como nos bebês.

Nas díades de elevada qualidade, as interações são caracterizadas pela participação dos dois parceiros, pela reciprocidade, pela afetividade positiva, pela partilha de prazer e por comportamentos de adaptação ao outro e à interação (ver tabela 4). Os dois parceiros parecem alimentar o envolvimento diádico através de comportamentos positivos, cativantes e recíprocos.

	Resposta facial	Resposta vocal	Trocas afetivas	Diretividade	Atividade lúdica	Reciprocidade
Mãe	Contacto ocular frequente. Segue atentamente os comportamentos do bebê. Sorri. Variação e contingência nas respostas faciais. Atenção e respostas faciais empáticas.	Entoação positiva e contingente. Discurso adequado, com pausas, motivando sempre a criança. Reforço positivo frequente com expressões de incentivo ("Boa!") Tom de voz (nem muito alto ou baixo) adequado que respeita os turnos de comunicação.	Calorosas, afeto positivo (direto e/ou indireto principalmente através do sorriso), não intrusivas e contingentes.	Sugere trocas de jogo, no entanto mantém abertura às escolhas/ações da criança. Procura seguir os interesses da criança.	A dinâmica é positiva. Jogo, na maioria das vezes, adequado à idade da criança. Prazer partilhado. A mãe apoia a exploração da criança. Algumas mães incentivam as crianças na zona próxima de desenvolvimento.	A mãe mantém-se observadora e apoiante Incentiva frequentemente a criança. Espera pacientemente pela resposta da criança. Troca de turnos com sintonia Atmosfera positiva com interações prazerosas.
Criança	Contacto ocular frequente. Segue atentamente e guia-se pelos comportamentos da mãe Explora visualmente os brinquedos.	Vocalizações positivas, prolongadas e de prazer. Período de silêncio nos momentos de exploração. Satisfação em obter respostas positivas da mãe.	A criança demonstra descontração na relação afetiva. Aceita e procura as respostas afetivas da mãe.	Aceita com entusiasmo as sugestões da mãe. Mantém-se sempre interessada na atividade. Pede apoio da mãe em situações mais desafiantes ou difíceis.	A atividade é adequada e interessante para a criança que pede para o repetir. Envolve-se na atividade. Quando o jogo não era adequado, a criança procura cooperar com a mãe, transformando o jogo. Desempenho dentro do esperado para a idade.	A criança responde mantendo a troca de turno. A interação é positiva. A criança está recetiva às sugestões da mãe e mantém a atenção no jogo.

Tabela 4.

Contudo, sobretudo, nas díades de baixa qualidade verifica-se a falta de envolvimento e de participação evidente no jogo isolado ou em paralelo. Os dois parceiros parecem ter desistido da relação. Exceto, para duas díades em que as mães são sobretudo muito diretivas, intrusivas, ríspidas e insistentes em jogos acima das competências da criança que parecem tentar acompanhar sem êxito os pedidos que lhe são feitos (ver tabela 5).

Tabela 5.

	Resposta facial	Resposta vocal	Trocas afetivas	Diretividade	Atividade lúdica	Reciprocidade
Mãe	Raro contacto ocular. Pouca variação da expressão emocional ou expressão tensa. Raros sorrisos ou sorrisos pouco contingentes. Expressões faciais de tensão.	Algumas mães raramente vocalizam. Outras mães apresentam muitas vocalizações mas pouco contingentes e inconsistentes. Outras mães são diretivas, irritáveis ou punitivas. Na maioria dos casos, não respeitam os turnos de comunicação da criança.	Durante toda a interação não se registam trocas afetivas. Algumas mães são intrusivas, bruscas no contacto físico ou rispidas nas verbalizações. Pouco empáticas no contexto da interação.	Algumas mães demonstram diretividade, intrusividade e não oferecem espaço à participação da criança. Exemplo de discurso: "Vamos brincar! O que vamos fazer? Vamos fazer uma casa." Outras mães apresentam baixa participação. Comportamentos sem adaptação ao interesse da criança.	Material de jogo adequado, mas tarefa estabelecida pela mãe é demasiado exigente ou oferecem um jogo adequado à idade mas que não cativa/motiva a participação da criança. Sem ludicidade na interação.	Baixa ou ausência de reciprocidade e troca de turnos com sintonia. Não se observa situações de prazer partilhado.
Criança	Pouco contacto ocular com a mãe. Criança pouco expressiva e os sorrisos são raros ou parecem desadequados com a situação (rápidos ou nervosos).	Poucas vocalizações da criança ou dirigidas principalmente para os brinquedos. Não se observa, na maioria dos casos, resposta às tentativas de comunicação da mãe.	Criança mantém-se neutra durante toda a interação. Nalguns casos coloca-se de costas para a mãe ou foge ao contacto, centrando-se no brinquedo/jogo.	A criança foca-se no jogo. Evita a mãe e não segue as suas sugestões de jogo, ignorando-a.	Criança interessada no jogo individual. Jogo marcado pelo distanciamento e distração frequente.	Sem reciprocidade. A criança brinca sozinha ou não adere às sugestões do adulto. Algumas crianças não demonstram iniciativa. Seguem o adulto, alternando períodos de interesse com momentos de inquietude ou distração.

Discussão dos Resultados

O presente estudo procurou comparar, numa situação de jogo livre, o comportamento interativo das mães que transportam os seus bebés junto ao corpo (zona do peito) em díades com elevada e baixa qualidade interativa. Em suma, pretendia-se descrever o melhor e o pior da interação entre mães-bebés nas díades com transporte corporal, em termos da qualidade interativa das mães e dos bebés quanto à resposta facial, resposta vocal, afetividade, contingência, atividade lúdica e reciprocidade.

Em primeiro lugar, quando observamos a qualidade de interação mãe-bebé, verificamos que mais mães apresentam uma relação de elevada/muito boa relação do que relações de baixa qualidade. Em nenhuma díade, se observa uma interação de risco marcada por comportamentos abusivos, negligentes ou maltratantes. A maioria das díades apresenta uma interação de boa qualidade mas com momentos de baixa qualidade (não persistentes ou intensos). Contudo, a média da sensibilidade materna é de 8.76 situa-se um pouco abaixo da média portuguesa aferida em 2009 de 9.16 (Fuertes et al., 2010). Muito embora, os valores sejam muito próximos das amostras nacionais, sendo esta uma amostra maioritariamente composta por famílias de classe média alta e com mães de elevada escolaridade, seria de esperar valores superiores de sensibilidade materna enquanto a amostra da população portuguesa era estratificada em nível socioeconómico e educativo. Igualmente, os bebés transportados junto ao corpo das mães apresentam menor frequência e intensidade de comportamentos cooperativos quando comparados com a média nacional. Ressalva-se que estes resultados podem ser fortemente afetados pela dimensão da amostra, e merecem futura investigação. Na verdade, o estudo nacional incluiu mais do que uma centena de casos (estratificados de acordo

com a população portuguesa) e a presente era somente composta por 26 casos.

Com base em parte desta amostra, noutro estudo, Santa Bárbara e colegas (2019) já haviam verificado que as mães que transportavam os bebés junto ao corpo apresentavam índices inferiores de sensibilidade materna quando comparadas com as outras mães que utilizavam outros meios auxiliares de transporte. Os resultados surpreenderam na medida em que era plausível, à luz dos estudos prévios, que a proximidade física pudesse favorecer a relação materna. Com efeito, num estudo com mães oriundas de famílias socioeconomicamente desfavorecidas verificou-se uma prevalência superior de vinculação segura em bebés transportados corporalmente (Anisfeld, et al., 1990). Não obstante, a nossa amostra tinha um elevado nível de literacia considerando os níveis educacionais da população portuguesa. Importava descrever o comportamento interativo materno e infantil, para compreender melhor estas diferenças, como realizamos no presente estudo.

Nas díades de elevada qualidade, a interação é caracterizada pela participação, reciprocidade, afetividade positiva, partilha de prazer e envolvimento. Nas díades de elevada qualidade (9 em 26), as mães e os bebés tenderam a manter o contacto ocular, a atenção, trocando sorrisos e verbalizações positivas enquanto se envolvem no jogo partilhado, recíproco e estimulante da participação da criança. Contudo, nas díades de baixa qualidade interativa verifica-se, sobretudo, a falta de envolvimento e de participação evidente no jogo isolado ou paralelo. Comparativamente a outros estudos nacionais (Fuertes et al., 2010), nesta amostra observam-se menos comportamentos abusivos, intrusivos ou negligentes. Tal seria de esperar, dado que se trata de um grupo de classe média com elevada literacia materna. Contudo, 6 em 26 díades tinham baixa qualidade interativa, o que indica que o mero transporte junto ao corpo por si só não é garante de uma relação afetiva positiva e recíproca.

Em suma, os nossos resultados corroboram a hipótese, já anteriormente aduzida por Tronick (1995), de que a proximidade física tem de resultar de interações envolventes e prazerosas e não meramente como forma de transporte. Por outro lado, os aspetos culturais podem ter um peso importante que ainda importa explorar. Sameroff e Fiese (2000) postularam que a qualidade interativa diádica decorre de fatores individuais, interacionais e sociais - como membros de uma comunidade com as suas redes sociais, normas, valores e atitudes próprias - e é influenciada pelos seus diferentes contextos e as suas inter-relações. No caso da vinculação, está bem documentado que a cultura afeta a qualidade da vinculação mãe-filho(a) (revisão em Faria, Fuertes & Lopes dos Santos, 2014; van IJendoorn, & Sagi-Schwartz, 2008). Ora, o contributo sociocultural (numa abordagem socioecológica) da

vinculação poderá ajudar a compreender a incoerência de resultados na investigação sobre o papel do contacto e transporte corporal na relação mãe-bebé. Com efeito, o uso deste transporte é culturalmente distinto de outros países. Por exemplo, em Angola, como em outros países de continente africano, as mães transportam as suas crianças às costas por funcionalidade mas também e sobretudo, por herança cultural e por uma visão particular da maternidade. Ora, com este tipo de transporte a mãe encontra-se numa situação em que, responder contingentemente às necessidades da criança é, não só mais fácil, mas imperativo, uma vez que a criança já faz parte do seu espaço relacional físico/afetivo, “perto da vista, perto do coração” (expressão popular Angolana).

Com base nos nossos resultados e na esteira da investigação anterior, sugerimos que as intervenções na vinculação se devam centrar na interação em ambos os parceiros: promovendo a sensibilidade das mães e dos pais, a comunicação com a criança e a interação recíproca entre eles (Fuertes 2011; Fuertes & Luis, 2014; Fuertes & Santos, 2015). Igualmente, o papel da mãe e do pai devem ser reforçados (Fuertes, Faria, Lopes dos Santos, & Beeghly, 2016).

Contributos, limitações do estudo e Perspetivas futuras

O presente estudo apresenta limitações próprias dos trabalhos experimentais, como por exemplo, o comportamento dos participantes pode ser influenciado pelo efeito da filmagem. Não obstante e, apesar do reduzido número de participantes, que impede a generalização dos resultados, julgamos ter adicionado elementos importantes para a compreensão da relação entre mães e bebés.

Nas díades de baixa qualidade, os pares pareciam ter desistido da interação e do seu parceiro. Futuramente, procuraremos aumentar a dimensão da amostra e estudar os fatores pessoais, familiares e sociais que contribuem para a qualidade dos comportamentos maternos e infantis. Por outro lado, é nossa intenção analisar as interações com transporte corporal de modo distinto, diferenciando o transporte junto ao peito que permite a interação face a face e o transporte às costas.

Referências

Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment- A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates.

Anisfeld, E., Casper, V., Nozyce, M., & Cunningham, N. (1990). Does infant carrying promote attachment? An experimental study of the effects of increased physical contact on the development of attachment. *Child Development*, 61, 1617-1627. doi:10.1111/j.1467-8624.1990.tb02888.x

Beeghly, M., Fuertes, M., Liu, C., Delonis, M., & Tronick, E. (2011). Maternal sensitivity in dyadic context: mutual regulation, meaning-making, and reparation. In D. W. Davis & M. C. Logsdon (eds.), *Maternal sensitivity: a scientific foundation for practice* (pp. 45-69). Hauppauge, NY: Nova science publishers.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.

Belsky, J. (1999). Modern evolutionary theory and patterns of attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 141-161). New York, NY, US: Guilford Press.

Belsky, J., Steinberg, L. & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62, 647-670.

Belsky, J. & Stratton, P. (2002) 'An ecological analysis of the etiology of child maltreatment', in K. Browne, H. Hanks, P. Stratton and C. Hamilton (eds.) *Early Prediction and Prevention of Child Abuse: A Handbook* (pp. 95-110). Chichester: Wiley.

Bernier, A., Carlson, S. M., & Whipple, N. (2010). From external regulation to self-regulation: Early parenting precursors of young children's executive functioning. *Child Development*, 81, 326-339. doi10.1111/j.1467-8624.2009.01397.x

Blois, M. (2005). *Babywearing: The Benefits and Beauty of This Ancient Tradition*. US, Texas: Praeclarus.

Bjorklund, D. F., Younger, J. L., & Pellegrini, A. D. (2002). *The evolution of parenting and evolutionary approaches to childrearing*. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (p. 3–30). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (Vol. I). London: Penguin Book.

Bradley, R. H. (1995). *Environment and parenting*. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, vol. 2. (pp. 235-262). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the Family as a Context for Human Development: Research Perspectives, *Developmental Psychology*, 22 (6).

Bronfenbrenner, U. & Morris, P.A. (1998). *The ecology of developmental process*. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: theoretical models of human developmental*. (Vol. 1, pp. 939-991). New York: John Wiley.

Calkins, S. D., & Hill, A. (2007). *Caregiver influences on emerging emotion regulation*. In J. Gross (Ed.), *Handbook of Emotion Regulation* (pp. 229-248). New York, NY, US: Guilford Press.

Carvalho, O. (2011). *De Pequeno se Torce o Destino – O Valor da Intervenção Precoce*. Porto: Livpsic.

Cassidy, J. (2008). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-22). New York, NY, US: Guilford Press.

Crittenden, P. M. (1988). Relationships at risk. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.) *The clinical implications of attachment*. Hillsdale, NJ, US.: Lawrence Erlbaum.

Crittenden, P. M. (1999). A dynamic-maturational approach to continuity and change in pattern of attachment. In J. I. Vondra & D. Barnett (Eds.), *Atypical attachment in infancy and early childhood among at developmental risk. Monographs of the society for research in child development*, 258, 64,145-171.

Crittenden, P. M. (2000). A dynamic-maturational exploration of the meaning of security and adaptation: Empirical, cultural, and theoretical considerations. In P. M. Crittenden & A. H. Claussen (eds). *The organization of attachment relationships: Maturation, culture, and context* (pp. 358-384). New York, NY, US: Cambridge University Press.

Crittenden, P. M. (2003). *CARE-Index Manual* (não publicado). Miami: IASA.

Crockenberg, S. C., Leerkes, E. M., & Barrig Jo, P. S. (2008). Predicting aggressive behavior in the third year from infant reactivity and regulation as moderated by maternal behavior. *Development and Psychopathology*, 20, 37-54. doi:10.1017/S0954579408000023

De Wolff, M. S., & van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A Meta-Analysis on Parental Antecedents of Infant Attachment. *Child Development*, 68(4), 571-591. doi: 10.2307/1132107.

Faria, A., Lopes-dos-Santos, P., & Fuertes, M., (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 4(XXXII), 419-437. doi: 10.14417/ap.698

Ferber, S. G., Feldman, R., & Makhoul, I. R. (2008). The development of maternal touch across the first year of life. *Early Human Development*, 84(6), 363-370. doi:10.1016/j.earlhumdev.2007.09.01

Fernandes, I., Fuertes, M., Ferreira, A., Barroso, I., Branco, M., Ladeiras, A., Pinto, F., Sousa, T., Veloso, C., Brandes, H., & Sousa, O. (2017). Estudo comparativo acerca do comportamento e comunicação materna e paterna em atividade conjunta com os seus filhos de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 36(3), 295–310. doi:10.14417/ap.1240.

Fuertes, M. (2011). *Intervenção Precoce: em que perspectiva?* In T. Vasconcelos, Conselho Nacional das crianças dos 0 aos 3 anos, (pp. 117-120). Lisboa: CNE.

Fuertes, M., Faria, A., Fink, N. & Barbosa, M. (2011). Associations among maternal representation at birth and attachment in Portuguese dyads with preterm and full term infant. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1, 76-86.

Fuertes, M., Faria, A., Lopes-dos-Santos, P., & Beeghly, M. (2016). The effects of Parental sensitivity and Involvement in caregiving on Mother-infant and Father-infant attachment in a Portuguese Sample. *Jour-*

Fuertes, A. Faria, A., Soares, H., & Oliveira-Costa, A. (2010). Momentos de interação em que as emoções apre(e)ndem: estudo exploratório sobre a prestação materna e infantil em jogo livre. *Psicologia USP, 21*, 4, 833-857. ISSN 0103-6564

Fuertes, M., Justo, M., Barbosa, M., Leopoldo, L., Lopes, J., Gomes Pedro, J. & Sparrow, J. (2012). Infants prematurely born: Socio-emotional Development and Early Intervention. Diogo Contreiras and Johann Sampaio (Eds.). In *Preterm Infants: Development, Prognosis and Potential Complications* (pp. 100-125). NY: Nova Science Publishers, Inc.

Fuertes, M., Sousa, O., Nunes, C. & Lino, D. (2018). How different are parents and educators? A comparative study about the interactive differences between parents and educators in a collaborative adult-child activity. *PLoS One, 13*(11): e0205991. doi.org/10.1371/journal.pone.0205991.

Fuertes, M. & Luís, H. (2014). Vinculação, práticas educativas na primeira infância e intervenção precoce. *Revista Interações, 30*, 10, 1-7.

Fuertes, M. & Santos, M. (2015). *Parenting and Attachment in Portuguese Families*. In G. Nicolas, A. Bejarano, & D. L. Lee. *Contemporary Parenting: A Global Perspective* (pp. 156-171). London, UK: Routledge Press.

Herrera, E., Reissland, N. & Shepherd, J. (2004). Maternal touch and maternal child-directed speech: effects of depressed mood in the post-natal period. *Journal of affective disorders, 81* (1), 29-39. doi: 10.1016/j.jad.2003.07.001

Hunziker, U. A., & Barr, R. G. (1986). Increased carrying reduces infant crying: a randomized controlled trial. *Pediatrics, 77*, 641-648.

Isabella, R. A. & Belsky, J. (1991). Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment. *Child Development, 62*, 373-384

Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 8*, 1-14. doi: 10.7322/jhgd.38572

Leerkes, E. M., Blankson, A. N., & O'Brien, M. (2009). Differential effects of maternal sensitivity to infant distress and nondistress on social-emotional functioning. *Child Development, 80*, 762-775. doi: 10.1111/j.

Lucassen, N., Tharner, A., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Volling, B. L., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2011). The association between paternal sensitivity and infant father attachment security: A meta-analysis of three decades of research. *Journal of Family Psychology, 25*, 986–992. doi: 10.1037/a0025855.

Mireault, G. C., Rainville, B. S., & Laughlin, B. (2018). Push or Carry? Pragmatic Opportunities for Language Development in Strollers vs. Backpacks. *Infancy, 23*(4):616-624, doi: 10.1111/infa.12238

Moore, G. A., Hill-Soderlund, A. L., Propper, C. B., Calkins, S. D., Mills-Koonce, W. R., & Cox, M. J. (2009). Mother-infant vagal regulation in the Face-to-Face Still-Face paradigm is moderated by maternal sensitivity. *Child Development, 80*, 209-223. doi: 10.1111/j.1467-8624.2008.01255.x

Santa Bárbara, C., Fuertes, M., & Carvalho, O. (2019). Relação mãe-filho(a) em bebês transportados junto ao peito e em bebês transportados em carrinhos. *Psicologia, 33*(1), 55-64.

Sameroff, A. & Fiese, B. (2000). Transactional regulation and early intervention. In J.P. Shankoff, & S. J. Meisels (Eds). *Handbook as early childhood intervention* (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.

Simpson, J. A. (1999). Attachment theory in modern evolutionary perspective. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 115-140). New York, NY, US: Guilford Press.

Smith, C. (1997). *Developing parenting programmes*. London: National Children's Bureau.

Tamis-LeMonda, C. S., Bornstein, M. H., Baumwell, L., & Damast, A. M. (1996). Sensitivity in parenting interactions across the first two years: Influences on children's language and play. *Early Development and Parenting, 5*, 173-183

Tessier, R., Cristo, M., Velez, S., Giron, M., Calume, Z., Ruiz-Palaez, J., Charpak, Y., & Charpak, N. (1998). Kangaroo mother care and the bonding hypothesis. *Pediatrics, 102*(2), 17. doi: 10.1542/peds.102.2.e17

Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 330-348). New York, NY, US: Guilford Press.

Tronick, E. Z. (1995). Touch in mother–infant interaction. In T. M. Field (Ed.), *Touch in early development* (pp. 53-65). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Tronick, E. Z. (2007). The neurobehavioral and social-emotional development of infants and children. New York, NY, US: Norton.

Van IJzendoorn, M. H., & Sagi-Schwartz, A. (2008). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 880-905). New York, NY, US: Guilford Press